MEMÓRIAS DE CASAMENTO: ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS DO ACERVO DO INSTITUTO CULTURAL RUA DO FOGO

Jordane Câmara

Graduando/a do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Paulo Sérgio Osório

Professor do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Eliandra Gomes Marques Instituto Cultural Rua do Fogo

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de investigar fotografías de casamentos, no período compreendido entre 1951 a 1977. Tem-se como espaço da pesquisa a comunidade rural Novo Horizonte, localizada no município de Santa Rosa do Sul, Santa Catarina. Os pressupostos teórico-metodológicos escolhidos para este estudo estão baseados em referenciais bibliográficos e categorias elencadas para a análise das fotografías tais como personagens, traje e cenário. Os resultados indicaram que: (a) as personagens como a noiva e o noivo são figuras centrais da cerimônia, contudo mostraram-se sérios na captura das lentes do fotógrafo; (b) os trajes seguem um padrão que perpassa décadas, assim como o vestido da noiva, com uma exceção, segue o estilo vitoriano; e (c) o cenário varia sendo o espaço da igreja ou a casa de algum familiar dos noivos, fato que não foi possível precisar devido à qualidade das fotografías. Portanto, essas categorias contribuem para a construção da História do local revelada através da memória. Finalmente, pode-se afirmar que as fotografías de casamento ressignificaram as histórias de cada família e, com isto, refazem a história da comunidade rural Novo Horizonte. Neste sentido, o papel do historiador é importante para organizar os documentos, registrando-os e publicizando-os.

Palavras-chave: memória, identidade, fotografia, casamento.

1. Introdução

Este estudo contribui para a conservação de parte do acervo fotográfico dos moradores da comunidade rural Novo Horizonte. A pesquisa foi realizada a partir de fotografías doadas pela comunidade para o Instituto Cultural Rua do Fogo. A História narrada, ao fundo, é a das





famílias que viviam naquela região de Santa Rosa do Sul que, por meio de retratos de família, de imagens de cerimônias como casamento, o leitor é levado a conhecer a antiga comunidade e suas modificações no tempo.

Acerca disso, menciona Vidal (2021) que "através da análise dos antigos retratos procura-se mostrar que a História do lugar também é resultado das ações de indivíduos, famílias e grupos sociais no tempo." (VIDAL, 2021, p. 17). E, partindo desses registros fotográficos, surge esta pesquisa a qual tem como *corpus* fotografias de casamento guardadas em arquivos familiares de moradores da comunidade rural Novo Horizonte, situada no município de Santa Rosa do Sul, Santa Catarina, Brasil. Estes arquivos foram doados ao Instituto Cultural Rua do Fogo, que está localizado na própria comunidade, para estudos. A partir daí foi realizada a curadoria das imagens para a organização da exposição.

A exposição "Véus da Memória", sob a curadoria de Eliane Debus, Zeca Debus e Jordane Câmara, a qual integra fotografías de casamento de famílias pertencentes à Novo Horizonte. A exposição foi inaugurada dia 26 de março de 2022 na própria comunidade rural Novo Horizonte, em um espaço dedicado a exposições no Instituto Cultural Rua do Fogo (DEBUS, DEBUS e CÂMARA, 2022), que ficou aberta durante três meses. Na data supracitada também foi inaugurado o Instituto Cultural.

No decorrer da curadoria, várias perguntas sobre o passado, sobre a memória daquelas pessoas retratadas se mostraram pertinentes. Assim, resolveu-se estabelecer uma sequência para análise das fotografías a partir das décadas identificadas da exposição. Traçar um horizonte para comparar e analisar elementos dos retratos que passaram por gerações e, muitas vezes, os padrões se repetem, como os comportamentais ou de vestimentas de elementos que compõem a imagem que será alocada para o futuro. Ou, até mesmo, a imagem que os noivos gostariam de passar para as futuras gerações, utilizando, assim, como elementos principais de análise, a presença de personagens, de trajes e os cenários. Cabe salientar que as imagens das análises foram reproduzidas tendo como base as usadas na exposição e, portanto, aparecem em porta-retratos na cor preta e rendas no entorno das fotografías.

Após definir as categorias de análise, o trabalho foi fazer uma seleção de seis imagens a partir das quarenta e quatro que foram utilizadas na exposição Véus da Memória. A seleção seguiu um critério onde necessariamente teriam que constar fotografias das décadas de 1950, 1960 e 1970. A partir daí foi possível desvelar detalhes que as fotografias revelam quando





organizadas por temporalidade e em especial a temática do casamento, um dos ritos de passagem mais importantes no meio social.

Convém destacar que a celebração do casamento é um evento importante, não só no contexto religioso, mas também no contexto social, pois carrega uma simbologia rica em detalhes de um passado recente. Estas registradas pelas lentes de um fotógrafo que, dependendo da época, aparecia nas comunidades ou eram contratados seus serviços por um valor muitas vezes pouco acessível. "Os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador" (LE GOFF, 2013, p. 535). Portanto, a escolha das fotografias como fontes deste artigo não pretende retratar o real, de uma forma absoluta e engessada, mas sim um mecanismo de observação para o desenvolvimento das categorias de análises.

Burke (1992) faz uma analogia entre o trabalho do historiador com o do fotógrafo, quando ambos se preocupam em representar momentos na história. Quando ambos não estão preocupados em capturar o real, mas sim registrar uma representação de um evento.

Assim como os historiadores, os fotógrafos não apresentam reflexos da realidade, mas representações da realidade. Alguns passos importantes foram dados em direção a uma crítica da fonte das imagens fotográficas, mas aí também ainda há um longo caminho a percorrer. (BURKE, 1992).

Através da fotografía, são registrados momentos da vida que podem ser revisitados, posto que a imagem eterniza um instante de intencionalidades, tanto do fotógrafo que monta o enquadramento com as personagens como dos próprios fotografados. Sob este viés, Herrero (2009) tece os seguintes comentários acerca da fotografía como objeto de investigação para o historiador. Para a autora,

A fotografía difere do resto das fontes usadas pelos historiadores por três razões básicas: elas mostram o próprio passado em seu conteúdo graças ao seu verismo ou confiabilidade iconográfica; elas contêm dois tipos de informações (a de sua própria gênese ou realização e sobre uma realidade espaço-temporal do passado), e apresentam um duplo testemunho: fornecem-nos tanto informação sobre o que é retratado como sobre o fotógrafo que retrata, uma vez que regista a partir da visão de mundo do seu operador e, portanto, também representa a criação de um testemunho. (HERRERO, 2009, p. 130, tradução nossa).





A interpretação de uma fotografia depende da perspectiva dada por quem a vê, mas também carrega toda uma simbologia da ideia de retro de casamento da época. Assim, é possível narrar a história das primeiras famílias que se instalaram no local, no ano de 1880, que, conforme Reitz (1948, p. 62), "as famílias chegadas à comunidade da Peroba (atualmente a comunidade está desmembrada em Novo Horizonte e Peroba) vieram do município de Araranguá". Estes recém-chegados, descreve Reitz (1948, p. 62), fora uma população do perímetro da capela é quase totalmente lusa, com exceção de 10 famílias ítalas e umas 30 de morenos de boa índole. Estes habitam nas Perdidas e Rua do Fogo (Peroba)". A citação do padre Reitz gera uma tensão étnica. Por que para os morenos foi necessário uma adjetivação e enquanto os ítalos nada, sem nenhum adjetivo. A frase carrega consigo anos de escravidão, de preconceitos. Sem falar do fato de que trinta famílias de morenos provavelmente representavam boa parte dos habitantes da região. Portanto, a história da constituição familiar passa a ser, também, recriada a partir destes registros fotográficos, que foram doados para pesquisa.

Deste modo, por meio da análise dos antigos retratos de famílias, especialmente as imagens de cerimônias de casamento, o leitor é levado a conhecer e reconhecer, na fotografía, as festas das famílias com suas temporalidades que revelam histórias coletivas e individuais do lugar. Logo é possível refazer um percurso através das imagens registradas uma vez que permitem a revisitação de experiências, a ressignificação de acontecimentos e a criação de narrativas.

As fotografias não só são acervo documental iconográfico e patrimônio do grupo familiar, mas também carregam registros de afetos, sentimentos e recordações instigadores de narrativas capazes de ampliar a compreensão do passado e do presente. Neto (2018, p. 1) afirma que, "para os historiadores, a fotografia continua a ser um instrumento fundamental para explicar períodos e construir vínculos com o passado. E essas dimensões podem ser tanto pessoais como sociais." (NETO, 2018, p. 1).

Na esteira dessa alusão, pretende-se, a partir das análises das fotografias, problematizar a relação entre memória e história, na medida em que tais imagens podem fornecer uma possibilidade em que "as pessoas comuns passaram a ter acesso à autorrepresentação, à posse e ao consumo de sua própria imagem." (NETO, 2018, p. 1). O registro eterniza uma ocasião social, tornando-se representativo posto que movimenta as memórias daquelas pessoas, assim como produz um efeito de representação imagética





daqueles que não participaram do momento mas, que puderam revisitar suas memórias na exposição e no acervo fotográfico mencionado neste artigo.

Dentre as formas de preservação histórica do casamento – como pintura, filmes, vídeos – uma se destaca: a Fotografia, graças a sua capacidade de congelar instantes, transformando-os em imagens. (SANTOS, 2009, p. 132). Portanto, a fotografia abre um horizonte para o historiador, uma vez que lhe permite converter a recordação em conhecimento.

Para Kossoy (2001, p. 39-40), "o ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico" que se desenvolve num determinado contexto e tecnologia de modo que mostram "um fragmento selecionado do real (o assunto registrado)" (KOSSOY, 2001, p. 40). Acerca dessa alusão, selecionou-se imagens de famílias como Cunha, Santana, Santos, Matos, Pereira, entre outras para analisar, a partir de um recorte temporal entre o início da década de 1950 e final da década de 1977. Os registros fotográficos foram produzidos num tempo e espaço específicos, sendo cenário a comunidade da Peroba, atualmente compreende parte da comunidade Novo Horizonte. Como esses registros eram feitos apenas em ocasiões festivas por causa do pouco acesso a fotógrafos profissionais ou amadores, Neto (2018) revela que:

As fotografías familiares eram pouco comuns até meados do século XIX. As condições técnicas da fotografía tornavam o evento raro e, ao mesmo tempo, permitia que as famílias tivessem registros sobre o seu passado e tiveram a possibilidade de representar antepassados desaparecidos e a juventude dos ascendentes. (NETO, 2018, p. 1).

O registro da cerimônia do casamento é importante para as famílias e envolvidos, já que é um momento único, um rito de passagem que merece ser comemorado tanto por aqueles que dele participaram quanto os que não puderam se fazer presentes. Sobre o exposto, formulou-se a seguinte questão-problema: A composição das fotografias, personagens, trajes e cenários retratam parte da história dos moradores da comunidade rural Novo Horizonte?

Para isto, delineou-se como objetivo geral: Demonstrar a relevância do álbum de casamento para o campo da memória social e a relação entre fotografia, narrativa e representação nos arquivos de famílias pertencentes à comunidade rural Novo Horizonte.

Como objetivos específicos tem-se: a) analisar as imagens a partir das categorias como personagens, trajes e cenário; b) explanar os diferentes elementos presentes na cerimônia de





casamento; c) identificar os significados simbólicos presentes nos elementos do cerimonial de indivíduos de diferentes famílias, de modo a evidenciar semelhanças e diferenças.

No que se refere à relevância para a comunidade rural Novo Horizonte, este estudo contribui com a preservação de parte da memória local, revelando, assim, alguns fragmentos de um passado que está presente ainda nos descendentes daquelas pessoas que casaram ou participaram do casamento, eternizados nas fotografías.

A pesquisa é inédita na região e contribui com a comunidade acadêmica assegurando fragmentos de memórias coletivas do município de Santa Rosa do Sul, especialmente da comunidade rural Novo Horizonte.

As categorias de análises, apresentadas neste artigo, servem de contexto para se ter uma ideia, a partir da seleção de fotos, de diferenças e similaridades entre os casamentos, bem como resgatar fragmentos da memória dessas famílias.

Importante destacar que é parte do dever acadêmico do historiador trazer à luz dos saberes a memória do que se passou, para que possamos vislumbrar um fragmento do tempo presente e entender um pouco melhor as vicissitudes desencadeadas das fotografías analisadas.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores (LE GOFF, 1990, p. 535).

Le Goff, nessa citação, se refere a algumas fontes para o exercício do historiador e as fotografías são documentos que servem de fonte primária nessa análise. Ainda que não tenham a pretensão de representar o real, as fotografías refletem comportamentos, padrões a partir da categorização escolhida para esse estudo. Certo é que a fotografía revela evidências históricas e protagonistas da história, sendo um instrumento portador de memória de sujeitos e os contextos nos quais estão inseridos.

A metodologia aplicada neste estudo estrutura-se em pesquisa documental, com análise bibliográfica e de documentos iconográficos, através das fotografias de casamento fornecidas pelas famílias pertencentes à comunidade rural Novo Horizonte. Os retratos mais antigos encontrados nos acervos particulares remontam ao final do século XX.





As fotografías selecionadas a partir do acervo do Instituto datam das décadas 1950, 1960 e 1970. Na exposição foram utilizadas 44 fotografías, a curadoria deste artigo selecionou 6 destas, incluindo famílias que atualmente seus descendentes ocupam a região. O acervo guarda evidências históricas e protagonistas da história de famílias de Novo Horizonte. Oriundas de doações, estas imagens foram identificadas, analisadas e organizadas a partir das datas de casamento: das mais antigas para as mais recentes. Tal percurso metodológico se inicia pela definição de categorias com a finalidade de realizar uma leitura e análise das fotografías.

2 Memórias da comunidade rural Novo Horizonte

2.1 A fotografia de casamento

A memória presente na fotografía de casamento está atrelada ao momento em que houve a captação da imagem e se deve a uma escolha particular tanto do fotógrafo quanto dos presentes no evento.

Convém esclarecer que o estudo não aprofunda as discussões semióticas que surgem por meio dessa identificação. Este apenas apresenta tais possibilidades de estudos e também contribui para memorar parte da história da comunidade rural Novo Horizonte a partir das fotografias de casamento.

As fotografías ilustram um momento de união entre os noivos com vistas à constituição familiar. Para Rendeiro (2010), "o conjunto dessas fotografías configura uma espécie de texto imagético a suscitar leitura e entendimento, um discurso visual que traz à tona a representação e a identidade da família no espaço social." (RENDEIRO, 2010, p. 3). Há a perspectiva de eternizar a cerimônia a qual é registrada possibilitando, assim, revisitar o passado e perfazer uma memória.

Seguindo esta ideia, Müller (2019) aponta que "o álbum, reconhecido não somente como um meio para o arquivamento de fotografias, é também um recorte da narrativa familiar". Ou seja, é o momento de escolhas tanto das pessoas fotografadas quanto da pose sugerida pelo fotógrafo. A representação gravada na imagem é uma primazia impositiva, que abarca significados importantes. Tanto aqueles significados que os familiares desejam





memorar, quanto os significados que revelam mais que a imagem contém, revelam traços de um tempo, vestimentas, posturas, habitantes da localidade, etnias. Müller (2019) coloca que:

São momentos do passado que foram escolhidos para serem lembrados e acessados em diversas temporalidades. Logo, o argumento é de que as imagens fotográficas guardadas seriam, então, recordações familiares, um tipo de materialidade que atua no processo de constituição desses grupos. Rememorar os eventos, as roupas utilizadas, as pessoas que fizeram parte daquele instante registrado são fatores que ajudam a construir a identidade da família. (MÜLLER, 2019, p. 276).

Segundo a autora, o objeto de estudo é o álbum, que está marcado com fortes traços de identidades. As fotografías trazem também esses componentes de materialidade que compõem o seio das identidades preservadas, cuja intenção é representar a memória coletiva do grupo.

2.2 Análise de fotografias de casamento

A primeira categoria de análise refere-se à composição das personagens, ou seja, das pessoas que são peças-chave na configuração da celebração do matrimônio, e repete-se por décadas alguns padrões. O personagem de maior presença nas imagens selecionadas é a dama de honra. Embora não esteja presente em todas fotografias. A presença de familiares também era outra constante nessa categoria de análise. Pais dos noivos, irmãos e avós foram outros personagens identificados.

Os trajes também foram selecionados como categoria por mostrarem um padrão curioso, onde o traje da noiva é algo que sugere pureza e delicadeza. Os trajes eram em maioria brancos, com detalhes nas mangas, colarinho e em alguns no próprio vestido. O traje do noivo também segue uma tendência Vitoriana. Estilo esse que padrão estético que tinha como premissa a população branca e incluía a magreza e palidez com o uso de diversos elementos para enaltecer o belo, entre eles chapéus, vestidos e espartilhos. "O que vestir, como se portar, quanta maquiagem usar, tudo é demonstrado por um fluxo que provém, particularmente, das revistas deste período." (FLORIANO, CRUZ, 2020, pg 3) . O traje do noivo segue uma perspectiva de elegância e conforto. Cores básicas para ambos os trajes. O





que contribui para uma representação de serenidade que requer a comemoração ecumênica do casamento.

Por fim, analisar os elementos que compõem o cenário. Curiosamente este elemento de análise foi o que apresentou maior variedade. Buquê da noiva, planos de fundo de imagem, e cenários atrás de parede e casas compuseram o corpus analisado nesta categoria, como pode-se observar na Figura 1.

Figura 1 – Cerimônia de casamento de Clarinda Morais dos Santos e Manoel Leonel dos Santos.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

Os noivos Clarinda Morais dos Santos e Manoel Leonel dos Santos casaram-se em 30 de junho de 1951, na comunidade rural Novo Horizonte, a cerimônia contou com a participação de duas damas de honra, sendo que à esquerda está Ana Silveira da Silva e à direita Conceição Amaro Teixeira.

A segunda categoria a destacar é o traje dos noivos. A noiva está usando um vestido tradicional branco, com comprimento que cobre os pés, uma grinalda e um buquê de flores naturais. Segundo Coutinho (2020) há um conjunto de elementos da vestimenta da noiva que: "não é apenas o vestido compõe a imagem de uma noiva e sim todo o aparato estético que foi criado e institucionalizado a partir do século XIX, que inclui véu, grinalda, buquê e todos os





acessórios que compõem a figura da noiva; ou seja, um traje de noiva". (COUTINHO, 2020, p. 14). As imagens são lembranças de amigos, familiares e conhecidos; elas são materialidades.

Para Leite (1991), a fotografía do casal é a parte insubstituível dos ritos do casamento, bem como o vestido da noiva. São personagens que, ao serem fotografados, permitem que famílias guardem, durante anos, fragmentos que se constituem como um lugar de memória.

Historicamente a vestimenta da noiva segue as tendências da moda vitoriana. Naquela época eram comuns os vestidos cobrirem todo o corpo da mulher, somados a este estão alguns ornamentos que compõem, há décadas, a vestimenta da noiva. Schneid (2015) destaca que:

Tendências de moda vem e vão, porém desde a era Vitoriana o vestido de noiva é mantido com alguns elementos essenciais na sua composição, que são: véu, grinalda, saia longa que cobre no mínimo os tornozelos, buquê, luvas. (SCHNEID, 2015, p. 104).

Nessa citação, a autora destaca que o conjunto de elementos que integram o vestuário e acessórios se mantiveram até os anos 1977, período de tempo analisado neste estudo. Não é a intenção deste estudo identificar a influência da moda nas fotografias de casamento. Contudo, é possível constatar idiossincrasia nos acessórios utilizados nas fotografias.

Em relação ao noivo, observa-se que o terno escuro é a opção mais usada e vem acompanhada de camisa branca com manga longa, lenço branco no bolso do paletó, adorno contendo um buquê de flores pequeno, que está no mesmo lado do lenço, e sapatos pretos.

A terceira categoria diz respeito à postura das pessoas e à posição em que se encontram na imagem. Percebe-se, na Figura 1, que a noiva enganchou seu braço ao do noivo, porém, ele está com os braços retos. Ao observar a expressão facial dos personagens da fotografia, nota-se que todos estão sérios, sem manifestar um sorriso. O mesmo gesto se identificou na Figura 2, cuja imagem registrada do casal Maria Fagundes Neto e Santelino José de Morais se mostram sérios.





Figura 2 – Cerimônia de casamento de Maria Fagundes Neto e Santelino José de Morais.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

O casamento aconteceu em 13 de fevereiro de 1960, na comunidade rural Novo Horizonte, e contou com a participação de uma dama de honra, sendo que curiosamente não foi identificado o nome dela. Isto acontecia bastante, já que havia damas de honra que eram convidadas pela noiva, mas, em sua maioria, não pertenciam à família. Sendo assim, buscou-se, dentre os presentes na exposição de fotografías, identificar o nome da dama, o que não obteve êxito.

A primeira categoria diz respeito às personagens que compõem a imagem. Os noivos, em pé, posam para o registro, sendo que a noiva está em primeiro plano haja vista que ela é a figura principal da cerimônia e logo atrás do noivo. O retrato do casal é parte importante do registro e memória, não só dos indivíduos ali fotografados, mas também faz parte do patrimônio cultural da comunidade rural Novo Horizonte.

Um elemento marcante na composição dos personagens, presente na Figura 2, é a dama de honra. Ela é utilizada para representar a pureza que a representação do casamento representava na época.





A segunda categoria a ser analisada na Figura 2 está relacionada ao traje dos noivos. A fotografía de casamento traz consigo esse registro memorialístico do rito de casamento, uma vez que é possível identificar elementos registrados em cada década a partir da moda. O vestido da noiva acompanha o estilo vitoriano cobrindo o corpo, com mangas longas.

A presença de ornamentos como o véu e o buquê de flores dão um toque especial ao momento. As flores servem para enfeitar e o véu, segundo Santos (2009, p. 143), "tudo indica que o uso do véu seria uma referência a Vesta, deusa mitológica virgem que, entre os romanos, era a protetora do lar e simbolizava a pureza e a perfeição". Isto comprova que os ornamentos e o vestido branco carregam simbologias importantes para a família e sociedade.

Quanto ao traje do noivo, o simbolismo sutil Vitoriano mais uma vez é identificado. O clássico vem como peça-chave: terno escuro, contrastando uma camisa branca e gravata borboleta também na cor escura. Essas peças contrastam com os vestidos brancos da noiva e da dama de honra. Além disso, destaca-se o contraste do traje do noivo com o plano de fundo.

A terceira categoria diz respeito ao cenário que, pela qualidade da fotografia, não é possível identificar o local, mas certo é que o registro foi feito no dia do casamento. Isto porque algumas noivas apenas conseguiam seus registros fotográficos tempos depois, devido a falta de fotógrafo, por exemplo.

Na sequência dos retratos, a Figura 3 traz um diferencial dentre as fotografías, que foram analisadas até aqui. Nela há a presença de três gerações de familiares do noivo e uma geração de familiares da noiva.





Figura 3 – Cerimônia de casamento de Eneci Santana dos Santos e Adão Nunes dos Santos.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

O casamento aconteceu em 17 de setembro de 1966, na comunidade rural Novo Horizonte, e contou com a participação dos pais da noiva, os pais do noivo e os avós da noiva. Sendo que à esquerda estão Celina Maria Santana e Manoel Moisés de Santana que são os pais da noiva. Ao centro estão Crispim Caetano dos Santos e Alexandrina Faustina Nunes, que são os pais do noivo, e Rosália dos Santos e José Manoel dos Santos, que são os avós da noiva.

Um elemento a destacar é o traje dos noivos. A noiva está usando um vestido tradicional branco, com comprimento até a altura da canela. Ela está sentada então a noção real do tamanho do vestido pode estar afetada pela posição que se encontra na Figura 3. Como foi notado em outras fotografias, os vestidos costumavam cobrir até os pés. Aqui também é um exemplo claro que a fotografia apesar representa o real, e que de fato é a sua pretensão. O fotógrafo assim como o historiador tem o dever de capturar uma leitura daquilo que se passou.

A noiva está com véu, luvas e com um vestido curto, que deixa amostra parte dos





braços. A posição de uma das mãos sobre a perna do noivo pode sugerir um traço de carinho para com o noivo, mas também pode ser parte de uma cultura machista, que é secular em nossa sociedade. Importante destacar que o noivo está sentado ao lado da noiva com um leve toque de cabeça, inclinando seu corpo em direção ao dela.

Dentre as fotografías selecionadas destaca-se a da noiva Natalina Luz que posa sem o noivo, os irmãos de Natalina compõe a imagem. Sendo a esquerda o Osvaldo Oliveira da Luz e a direita da noiva o Everaldo Oliveira da Luz, como pode ser visualizado na Figura 4. O casamento ocorreu em 03 de junho de 1967.

Figura 4 – Cerimônia de casamento de Natalina Luz.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

A noiva usa um vestido longo, cobrindo até os pés. Ela usa véu e grinalda, configurando já uma segunda década com o padrão indumentário da noiva. Horizonte este, observável pelo momento capturado da fotografia. Em vinte anos, considerando que a primeira figura observada neste trabalho é da década de 50, esta figura do final da década de 60 ainda reproduz um padrão nos vestidos das noivas.

Os irmãos da noiva, Osvaldo e Everaldo, estão usando trajes bem parecidos. Um terno listrado, calças e sapatos. Osvaldo usa um sapato de cor clara, enquanto Everaldo usa um





sapato em tom escuro, outra curiosidade gritante nesta figura é a presença de um óculos de sol com Osvaldo. Este ainda segura no braço da irmã Natalina. Até o término deste artigo não foi possível identificar se Osvaldo tinha algum problema de visão. A representação nesta fotografia pode sugerir várias interpretações apenas pelo mero uso de um óculos de sol. Cabe continuar as investigações para saber mais das pessoas que povoaram a comunidade rural Novo Horizonte.

A posição que os personagens estão alinhados para a fotografía estão como a maioria das fotografías analisadas. Porém de pronto é possível observar que a direção do olhar dos personagens na fotografía estão completamente desalinhados. A exceção da noiva que prende o olhar fixo para o disparador da máquina fotográfica. Everaldo olha para o horizonte, em direção contrária do foco da lente da câmera e Osvaldo está de óculos escuros no momento da foto, impossibilitando observar seus olhos. Nas fotografías analisadas notou-se uma preocupação na composição da foto, enquanto a posição das personagens fotografadas. Porém a direção do olhar, até mesmo a direção da cabeça não foi uma regra utilizada. Aqui, na família de Natalina esse detalhe estético passou despercebido.

O cenário, na Figura 4, assim como nas outras analisadas, não mostra com profundidade a composição de fundo das fotografias, o cenário aqui não é ocupado por lencol, ou panos. A noiva e os irmãos estão na rua, em uma estrada ou frente de uma casa de madeira. Essa composição do cenário pode suscitar muitas dúvidas.

A preocupação da montagem de um cenário sugere um apelo a uma estética de fotografia utilizada em todo meados do século XIX na comunidade rural Novo Horizonte. Porém em algumas fotografias é identificada a ausência de cenários. A fotografia tirada a frente de o que parece ser uma casa tem a ver com a possível dificuldade de visão de Osvaldo?

A presença dos familiares dos noivos é reiterada na fotografía de casamento de Almerinda e Pedro Manoel. Como peculiaridade os familiares presentes foram tantos que alguns mal aparecem no registro fotográfico, Estão todos bem perto uns dos outros, compondo o enquadramento da foto, conforme a Figura 5.





Figura 5 – Cerimônia de casamento de Almerina de Matos Santana e Pedro Manoel de Santana.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

Os noivos Almerina de Matos Santana e Pedro Manoel de Santana casaram-se em 25 de julho de 1970, na comunidade rural Novo Horizonte. A cerimônia contou com a participação de duas damas de honra, sendo que à esquerda está Ana Silveira da Silva e à direita Conceição Amaro Teixeira.

Na Figura 5, tem-se as seguintes pessoas: da esquerda para direita – Maria Santana Dias, a menina Eliane Santana Dias no colo da mãe, Adão Nunes dos Santos, Naira Santana Fraga e Manoel Moisés de Santana. Da direita para esquerda: Inácio Cunha de Matos e Terezinha Cunha de Matos e Corina Cunha de Matos e Nilton Bitencourt Antunes.

Esta imagem é uma das poucas que aparecem os familiares em maior número dentre as que pertencem ao arquivo do Instituto Cultural Rua do Fogo. Acerca disso, Leite (1991) ressalta que "os retratos das duas famílias, com membros de duas ou três gerações, com os noivos sentados ou de pé na primeira fila, ou o retrato frontal dos noivos, de pé" (LEITE, 1991, p. 185) revelam a importância desse momento para todos já que se transformam em memórias e perfaz o desenho das famílias e acontecimentos festivos na comunidade.





A última fotografia a se analisar retorna àquela imagem clássica dos noivos, em que a noiva posiciona-se ao lado do noivo e salienta-se a presença da dama de honra, como pode ser visualizada na Figura 6.

Figura 6 – Cerimônia de casamento de Eliete Réus de Oliveira e João Cardoso de Oliveira.



Fonte: Acervo do Instituto Cultural Rua do Fogo (2022).

Os noivos Eliete Réus de Oliveira e João Cardoso de Oliveira casaram-se no ano de 1977, na comunidade rural Novo Horizonte, a cerimônia contou com a participação de uma dama de honra, sendo a Carolina Réus Barbosa.

Ambos personagens, nessa Figura 6, marcam um traço comum em fotografías de época, a feição fechada, séria, com uma expressão pálida, em certa medida desconfiada. A noiva veste véu, vestido longo e está com um buquê de flores. O noivo está com um terno escuro, com lenço no bolso do paletó. Ele segura um dos braços da sua noiva, como quem sugere segurança para uma longa vida. Mas, também, pode retratar um laço de compromisso onde ele, o noivo, assume a posição de liderança patriarcal ante o casal.

A dama de honra usa um vestido até os joelhos, laço na cabeça e sapatilhas, tradicional nos trajes da época. Ela segura uma fita com as alianças do casal, as quais simbolizam a





pureza no casamento. O cenário desta fotografía parece ser uma parede, que pode ser de uma casa de alvenaria ou até mesmo um dos lados das paredes da igreja.

3. Considerações Finais

O casamento é, possivelmente, uma das instituições mais antigas da humanidade, apresentando-se como um evento que simboliza um rito de passagem tanto para o homem como para a mulher e um novo ciclo da vida. Logo, eternizar este rito através da cerimônia cujo envolvimento das famílias movimenta a comunidade é um dos momentos mais marcantes dos personagens envolvidos, eles trazem simbologias que perpassam o tempo, muitas continuam até hoje. Em paralelo a essa perspectiva Mauad (1996) destaca "apreciamos fotografías, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias" (MAUAD, 1996, p. 5).

A homogeneidade nas poses, expressões e vestimentas, bem como a semelhança nos cenários que serviram de plano de fundo dos estúdios, demonstram poucas mudanças ao longo de aproximadamente 20 anos, evidenciando também o trabalho de três fotógrafos na comunidade. Embora nenhum dos três fotógrafos foram identificados, tanto na exposição quanto na realização deste artigo.

Concluiu-se que o traje dos noivos segue um padrão da moda: vestido de noiva ao estilo vitoriano, e, no caso do noivo, o padrão segue o uso de ternos escuros, camisa branca, gravata escura e algum ornamento no bolso. A presença de damas de honra também é um elemento identificado. Contudo, a seriedade tomou conta das feições dos noivos e até mesmo de muitos convidados, que estão em duas imagens analisadas. Isto comprova a técnica usada pelo fotógrafo para registrar o momento, que se eternizou contribuindo para a memória e história das pessoas da comunidade rural Novo Horizonte.

Dentre as contribuições que este trabalho traz, pode-se mencionar o historiador como um mediador das representações capturadas pelas lentes do fotógrafo. A imagem guarda um momento único, ritualístico e instantâneo. Este estudo ajuda na conservação do patrimônio cultural da comunidade Novo Horizonte e do município de Santa Rosa do Sul.

Para a comunidade acadêmica essa pesquisa pode ajudar a entender um pouco o processo de ocupação da comunidade rural Novo Horizonte. A comparação das fotografías





em suas épocas retratam parte da representação que os personagem escolheram figurar, escolheram memorar para seus descendentes.

Espera-se que este resulte em outros trabalhos acadêmicos os quais busquem explorar outras fotografías do acervo de modo que contribuam para a organização histórica da comunidade e mantenha viva a memória das pessoas que ali vivem ou que, em algum momento do tempo, viveram.

4. Referências

BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992. Disponível em:

https://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pd f>. Acesso em: 30 set. 2022.

COUTINHO, Tamires S. O traje de noiva tradicional, com véu, grinalda e buquê. Dissertação. Disponível em:

https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/39240/1/DISSERTA%c3%87%c3%830%20Tamires%20Souza%20Coutinho.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

DEBUS, Eliane; DEBUS, Zeca; CÂMARA, Jordane. **Véus da Memória**. Exposição fotografías de casamento. Santa Rosa do Sul, SC: Instituto Cultural Rua do Fogo, mar. 2022.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia e arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

FLORIANO.Letícia Valério; CRUZ, Tânia Mara. Padrão estético inglês no auge da Era Vitoriana e sua presença nas revistas cariocas do século XIX. Florianópolis: UNISUL, 2020. Disponível em:

https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16214/1/vers%C3%A3o%20final%20p%C3%B3s%20banca%20Leticia%20or%20prof%20T%C3%A2nia%201.pdf Acesso em: 04 de dez. 2022.

HERRERO, B. de las H. La historia a través de la imagen: la fotografía como fuente de memoria. In: **Estudos da Língua(gem)**, v. 7, n. 1, p. 113-132, 2009. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1083. Acesso em: 2 nov. 2022.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro:** fotógrafos e o ofício da fotografía no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 7. ed. rev. São Paulo: UNICAMP, 2013.

LEITE, Miriam Moreira. O retrato de casamento. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.29, mar. 1991.





MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Rio de Janeiro: Tempo, 1996 .

MÜLLER, Caroline. A fotografia de casamento como fonte, documento e chave de leitura em uma investigação. In: **Dobras – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 12, n. 26, p. 273–279, 2019. Disponível em:

https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/926. Acesso em: 12 out. 2022.

NETO, José Alves de Freitas. Fotografía e memórias: o que queremos registrar. In: **Jornal da UNICAMP**, 28 fev 2018. Disponível em:

https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/fotografia-e-memorias-o-que-queremos-registrar. Acesso em: 23 set. 2022.

REITZ, Raulino. **Paróquia de Sombrio**. Progresso religioso e social. Sombrio: Paróquia de Sombrio, 1948.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira. ÁLBUNS DE FAMÍLIA – Fotografía e Memória; Identidade e Representação. In: **XIV Encontro Regional da ANPUH**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em:

http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276726781_ARQUIVO_ArtigoANPUH[MarciaElisa_2010.1].pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

SANTOS, Jorge Viana. Fotografia, Mito e Memória: o álbum de casamento. In: **VIII Colóquio do Museu Pedagógico**, 09 a 11 de setembro de 2009a. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/229299558.pdf>. Acesso em: 30 out. 2022.

_____. Fotografia, memória e mito: o álbum de casamentos como recriação imagética de um rito social. In: **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 7, n.1, p. 133-152, jun. 2009b. Disponível em:

https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1084/932. Acesso em: 30 out. 2022.

SCHNEID, Frantieska Huszar; MICHELON, Francisca Ferreira. Pensando fotografias de casamento como suporte de memória familiar e registro de cultura material. In: **ENCOI** - **Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem**, 24 e 25 de novembro de 2014, Londrina, PR. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/PENSANDO%20FOTOGRAFIAS%20DE%20CASAMENTO.pdf. Acesso em: 3 nov. 2022.

_____. A fotografía e o papel de evocadora de memórias. In: **II Seminário Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica.** Pelotas, 26 e 27 de agosto de 2014. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/imagensdajustica/files/2018/02/A_FOTOGRAFIA_E_O_PAPEL_DE_EVOCADORA_pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

SCHNEID, Frantieska Huszar. **Vestidos da memória**: os registros de casamento em um álbum de família. 2015. 248f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio





Cultural) - Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Frantieska-Huszar.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

VIDAL, Joseane Zimmermann. **Guardados com afeto**: fotografía e memória no município de Antônio Carlos/SC. Itajaí: Traços & Capturas, 2021.